

## “INTERVENÇÃO FEMININA: FEMINISMO E EMPODERAMENTO NAS SERIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Gabriella de Oliveira Dias

### RESUMO

Este resumo narra a trajetória de um “projeto” atividade que iniciou em 2018 e teve fim em 2019, relacionando questões de gênero, feminismo, empoderamento em uma escola pública de ensino fundamental na cidade do Rio de Janeiro. A questão orientadora que seguiu para esta construção foi: Como empoderar as alunas, a partir dos seus cabelos, nos anos iniciais do ensino fundamental? A partir dessa inquietude a pesquisa se propôs a dialogar através das narrativas de experiências com referências aos estudos teóricos de gênero e feminismo. Através de conversas informais em sala de aula, relacionados ao cabelo, relatos de preconceito quanto ao cabelo crespo foram surgindo. De maneira, ao que me parece ser positiva, as alunas começaram a se empoderar a respeito de seus próprios cabelos, dessa vez usando-os soltos, com fitas, laços e muitos cachos.

**Palavras-chave:** Gênero, Feminismo, Empoderamento, Cabelo.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de uma pesquisa de campo realizada em um CIEP no Município do Rio de Janeiro. Durante a aula fiz a leitura de um livro intitulado: Feminina de Menina e Masculino de Menino - Márcia Leite (2011), para a turma em questão. Durante a leitura algumas alunas demonstraram não concordar com a narrativa. Por este motivo convidei as alunas e alunos para algumas reflexões sobre a temática do livro e sua abordagem.

Ainda neste mesmo ano, agora num outro momento, quando chegava à escola encontrei com uma aluna no estacionamento, ela estava de touca e aparentando tristeza. No dia anterior, sua mãe havia insistido que ela fizesse um processo de alisamento químico, o que ocasionou em quebra e queda capilar. Comentários maldosos foram feitos a ela na chegada a escola e em sala de aula o movimento não foi diferente. Percebendo o constrangimento sofrido por ela, iniciei uma conversa sobre preconceito, cabelos, empoderamento.

Nascia assim, através das conversas e desdobramentos, o projeto “Intervenção Feminina” (nome sugerido pelas alunas). Esse nome, conforme explicitado por algumas alunas, faz alusão a intervenção militar que aconteceu na favela da Rocinha no ano de 2017.

Sendo assim, a questão que norteia este trabalho é como empoderar as alunas, a partir de seus cabelos, nas series iniciais do ensino fundamental. A pesquisa tem como objetivo geral feminismo e empoderamento de alunas com cabelos crespos. Através dos objetivos gerais pretendo analisar as questões de gênero binário, feminismo, padrão eurocêntrico de beleza e pré-conceitos estruturados. Para uma melhor compreensão e apreensão a respeito da temática do respectivo trabalho, optei como

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

metodologia de pesquisa, escrevê-lo na forma narrativa. A pesquisa em campo trouxe histórias das alunas sobre seus cabelos e consequentemente sobre empoderamento feminino.

## 2 INÍCIO DE UMA NARRATIVA

No ano de 2018, quando eu era professora do 4º ano do ensino fundamental em um CIEP no Município do Rio de Janeiro, fiz a leitura de um livro intitulado: *Feminina de Menina e Masculino de Menino* - Márcia Leite (2011), para a turma em questão. O livro abordava o que as meninas pensam sobre elas, o que pensam sobre os meninos e que não contariam para eles. Em contrapartida, aborda o que os meninos pensam sobre eles e a respeito das meninas e da mesma maneira, que não contariam para elas. Concordando com Marçal (2013, p. 37) quanto a minha escolha pela obra:

Escolher uma história literária talvez não seja uma tarefa simples ao professor, principalmente quando este tem o compromisso de ampliar o repertório infantil com histórias intrigantes, criativas e estimulantes. Talvez você encontre mais dificuldade nessa escolha quando procurar por histórias literárias que tratem relações de gênero.

Algumas alunas disseram, indo de encontro a uma das ideias abordadas no livro, que nem todas as meninas são “fofoqueiras e dedo-duro”, por exemplo. Em contrapartida, os meninos também se posicionaram, mas disseram não se incomodar com colações do tipo: “não tomam banho e tiram meleca”. Enquanto a reflexão ocorria por ambas as partes, eu intermediava e apresentava questões sobre o feminismo, levando exemplos práticos a respeito do papel da mulher na sociedade, na tentativa de desconstruir alguns conceitos estruturados.

Ainda neste mesmo ano, agora num outro momento, uma aluna que havia passado por um processo de alisamento químico no cabelo e teve queda capilar, chegou à escola, percebi que estava cabisbaixa e com vergonha das/os amigas/os porque alguns colegas riram dela na chegada, já que também usava uma touca de lã no calor. Em sala o movimento não foi diferente e percebendo o constrangimento sofrido por ela, a reflexão sobre cabelo surgiu de maneira espontânea em sala de aula.

As próprias alunas foram abordando assuntos sobre cabelo e a sua diversidade: cores, formas e tamanhos e, principalmente, a beleza de todos. Dia após dia o assunto cabelo era abordado. Um dia era sobre pediculose, outro como lavar, outro como hidratar, como fazer penteados. A partir disso, de maneira muito sutil as meninas começaram a soltar os seus cabelos. Antes bem presos, passaram então a enfeitá-los com laços, fitas e usavam penteados como tranças e cachos, muitos cachos.

Nascia assim, através das conversas e desdobramentos, o projeto “Intervenção Feminina” (nome sugerido pelas alunas). Esse nome, conforme explicitado por algumas alunas, faz alusão a intervenção militar que aconteceu na favela da Rocinha no ano de 2017. Acredito que as meninas usaram da dor e violência da invasão, que de certa forma coíbe a cultura do outro, para hibridizar com o feminismo. Canclini (1997, p.301) fala a respeito da violência e da insegurança pública:

Contudo, a vida urbana transgride a cada momento essa ordem. No movimento da cidade, os interesses mercantis cruzam-se com os históricos, estéticos e comunicacionais. As lutas semânticas para neutralizar, perturbar a mensagem dos outros ou mudar seu significado, e subordinar os demais à própria lógica, são encenações de conflitos entre as forças sociais: entre o mercado, a história, o Estado, a publicidade e a luta popular para sobreviver.

Acredito também, que a partir dessas memórias, consigo abordar de forma mais concisa, porém pontual, no que diz respeito ao processo de feminização do magistério, a questão do gênero e consequentemente ao objetivo deste artigo que é feminismo e empoderamento. A questão do gênero torna-se necessário para posteriormente abordar a questão do feminismo e empoderamento. Cabe ressaltar que ao falar sobre feminismo e empoderamento através do tema cabelo crespo é como professora que assumo meu lugar de fala. Não é minha pretensão assumir um lugar de fala no movimento feminista negro, sendo eu uma pessoa branca e com os cabelos lisos.

## **2.1 LUGAR DE MULHER É NA SALA DE AULA**

Apesar das características que ajudam na construção de ser quem eu sou, acho que caberia dizer que, embora eu ocupe um lugar de privilégio, a origem da minha família vem de uma pequena cidade no interior de Minas Gerais chamada Guiricema. Humilde e com muitas mulheres, cresci e me desenvolvi ouvindo delas, inclusive de minha mãe, as dificuldades que passaram para estudar. Nessas conversas, elas narravam com orgulho quando a tia Madalena se formou professora e começou a ajudar em casa. Já a minha mãe não traz boas recordações, fica emocionada ao recordar que andava 4 quilômetros para ir e 4 quilômetros para voltar da escola, muitas vezes com o pé sangrando. Naquela época, a diretora chamou o meu avô e pediu para não mandar mais minha mãe para escola, pois era um caminho muito longo para uma criança tão pequena.

Após saírem do interior e irem para Juiz de Fora, minha mãe e minhas tias foram estudar em uma escola perto de casa. Logo depois tentaram conciliar o trabalho com os estudos. Depois de se casarem, algumas delas não continuaram com os estudos e foram se dedicar aos cuidados do lar e dos filhos. Somente a tia Madalena, a professora, que continuou a trabalhar depois de se casar, mas, no entanto, parou quando engravidou.

Quando era criança, por volta dos 7 anos, brincava de ser professora com crianças menores aos da minha idade. Lembro de ter um cuidado, carinho e afeto. Com os estudos, quando surgia uma dificuldade com algum conteúdo, minha mãe que estudou até o antigo ginásio, recorria as vizinhas da rua para que uma delas pudesse me auxiliar. Uma dessas explicadoras me tratava com muito carinho, atenção e fazia um bolo de banana muito gostoso. Até hoje o cheiro de bolo de banana me trás recordações dessa explicadora.

Estudei do “prezinho”, (como em Minas Gerais era chamado a educação infantil), até a antiga oitava séria na Escola Municipal Engenheiro André Rebouças em Juiz de Fora – Minas Gerais.

Lembro da minha primeira professora até hoje, sempre com uma maçã na hora do lanche e com atitudes grosseiras e violentas com alunos, tais como: deixar de castigo atrás da porta, sacudir segurando pelos braços, apertar o braço a ponto de deixar marcas das unhas grandes. Nesta época eu não queria estudar, chorava e mentia para poder faltar a escola porque sentia medo desta professora.

Na primeira série estudei com a mesma professora do “prezinho” e as recordações que tenho eram das comparações na família de quem aprendia a ler e escrever e do que eu não aprendia. Na segunda série tive duas professoras tão dóceis e meigas que voltei a gostar da escola. Inclusive passei por mais algumas professoras com essas mesmas características. Uma professora mudou esse perfil que foi criado e/ou idealizado por mim. Ao mesmo tempo que tinha medo, me imaginava sendo uma professora igual a ela, que segundo minha leitura era uma mulher: inteligente, maquiada, esmalte vermelho, sabia dirigir, fumava e era respeitada pelo aluno mais levado da turma. E quando a essas recordações, acredito que:

Através de múltiplos recursos se estabelece ou se reforça uma ligação estreita entre as mulheres/professoras e crianças, chegando-se por vezes a “infantilizar” tanto o processo de formação de professoras quanto a atividade docente de primeiro grau. Embora poderosas na constituição das professoras essas representações não deixam, no entanto, de entrar em competição com outras e também se transformam, historicamente, através das resistências dos sujeitos, das mudanças nos arranjos sociais e políticos, das alterações institucionais e discursivas. Louro, (2014, p.111 – 112)

Quando iniciei a faculdade de Pedagogia em 2005, na Universidade Federal de Juiz de Fora, pude observar que a turma era formada por uma maioria feminina bem como, os/as docentes que ali lecionavam. Como afirma Louro (1997, p.99) “no Brasil é possível identificar algumas transformações sociais que, ao longo da segunda metade do século XIX, vão permitir não apenas a entrada das mulheres nas salas de aula, mas, pouco a pouco, seu predomínio como docentes”.

O processo de feminização do magistério é algo bastante estudado por pesquisadores, e talvez o que mais chame a atenção é a sua ligação com os estudos voltados, principalmente para o lado afetivo desenvolvido nessa relação. Essa representação de professora, mãe e cuidadora, cria uma representação que caracteriza suas práticas e molda sua inserção neste ideal criado ao longo do último século.

Esse marcador social, da docente com características “maternas”, fez com que muitas de nós mulheres fôssemos ocultadas e segregadas, não só socialmente e politicamente, mas inclusive como sujeito participante da Ciência. Sendo assim, a exclusão de mulheres na ciência, aponta para um conhecimento por parte de pesquisadores, homens e brancos.

Foi no final da década de 1960, que o movimento feminista passou a contradizer os tradicionais arranjos sociais, não apenas protestando e conscientizando em espaços públicos, mas, também através de livros, jornais e revistas acerca do papel da mulher nas Ciências. Sobre isso

Haraway (1995) aponta que ela e outras autoras começaram a contestar a verdade hostil de uma construção científica e tecnológica voltada para a submissão e dominação das mulheres:

As feministas têm interesse num projeto de ciência sucessora que ofereça uma explicação mais adequada, mais rica, crítica, reflexiva em relação as nossas próprias e às práticas de dominação dos outros e nas partes desiguais do privilégio e opressão que todas as posições contém. (HARAWAY 1995, p.15)

Dessa maneira, o que as feministas buscaram, sendo contrárias aos privilégios na ciência, é uma desconstrução e contestação a respeito do sistema de conhecimento.

Sabe-se que, o gênero marca uma criança antes mesmo dela nascer. Segundo Abreu (2018, p.53) “ao percebermos os gêneros como uma roupa por cima de corpos sexualizados, não podemos entendê-los como algo natural, nascemos numa heteronormatividade que binariza nos sexos masculinos e femininos”. Sendo assim, para as meninas a cor rosa é escolhido como padrão para marcar sua feminilidade. Já o menino, a cor escolhida é o azul para marcar sua masculinidade.

Logo, o conceito de gênero é usado como um apelo as diferenças biológicas, dessa maneira é pertinente que a discussão seja relacionada com as relações sociais. Por tudo isso é preciso desconstruir o conceito do binário masculino-feminino. Como observa Scott (apud Louro 2014, p. 35) “é na compreensão das sociedades um pensamento dicotômico e polarizado sobre gêneros; usualmente se concebem homem e mulher como polos opostos que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação-submissão”, na qual o domínio biológico marca um determinismo social.

A escola como espaço de convívio com diferentes pessoas, culturas e histórias, é palco de tensões e diálogos entre as diferenças culturais, numa tentativa de normalizar, homogeneizar e na qual o diferente é visto como algo que deve estar fora dos muros da escola. A escola também pode assumir um espaço de desconstrução dessa hegemonia, dialogando com os conceitos estruturados, através de uma tentativa de emancipação.

O movimento feminista do século XIX, buscava a igualdade entre gêneros binários, questionando os privilégios que os homens detinham sob as mulheres. O enfoque era incluir a mulher no mercado de trabalho, com participações iguais. No final da década de 1970, começa a se discutir as questões relacionadas ao gênero, ganhando notoriedade quando estudiosas do movimento contestaram os papéis sociais preestabelecidos. Para elas, a criação recebida pelas mulheres influencia o seu papel de submissão ao homem. A concepção que atravessa uma parte dos estudos feministas vem de um homem dominante e de uma mulher dominada.

Neste contexto, as feministas do século XX, estimulavam as falas das mulheres que foram silenciadas e/ou que não obtiveram importância do seu conhecimento científico. O ensino/aprendizagem é transformado numa prática que intenta que todas/os tenham voz e que nenhuma experiência seja mais valorizada que a outra. Dessa forma, esclarecer esses aspectos



desafiam as práticas de professoras/es e agem no cotidiano escolar, que para Candau (2011, p.241), devem se “abrir” para as diferenças:

As diferenças culturais – étnicas, de gênero, orientação sexual, religiosas, entre outras – se manifestam em todas as suas cores, sons, ritos, saberes, sabores, crenças e outros modos de expressão. As questões colocadas são múltiplas, visibilizadas principalmente pelos movimentos sociais, que denunciam injustiças, desigualdades e discriminações, reivindicando igualdade de acesso a bens e serviços e reconhecimento político e cultural.

## 2.2 CABELOS E EMPODERAMENTO INFANTO JUVENIL

Rememorando uma cena da minha infância quando eu, uma criança branca, com cabelos longos e lisos percebia que era dado a mim um tratamento diferenciado da professora, diretora, secretária, merendeira e bibliotecária da escola em relação as demais crianças que dividiam aquele espaço comigo. Não compreendia porque só eu recebia tantos elogios, se na mesma sala de aula outras colegas que também tinham os cabelos compridos como o meu com penteados, trançados e enfeitados, não recebiam os mesmos elogios.

Hoje, ao analisar tais memórias pela minha ótica de professora, compreendo talvez que essas amigas de sala não fossem elogiadas porque tinham o cabelo crespo e cacheado. Hooks (2005, p.4) contribui com essa análise ao falar sobre o cabelo crespo: “muitas de nós falamos de situações nas quais pessoas brancas pedem para tocar nosso cabelo natural e demonstram grande surpresa quando percebem que a textura é suave ou agradável ao toque”. Talvez isso aconteça por associar-se ao cabelo crespo os adjetivos como “duro, pixaim, bombрил” entre outros. Certa vez, perguntei para uma colega de turma porque ela não soltava o cabelo. Ela me respondeu que eu nunca iria saber o que era ter o cabelo todo para o alto. Quanto a isso Hooks (2005, p. 2) aponta que:

Dentro do patriarcado capitalista – o contexto social e político em que surge o costume entre os negros de alisarmos os nossos cabelos -, essa postura representa uma imitação da aparência do grupo branco dominante e, com frequência, indica um racismo interiorizado, um ódio a si mesmo que pode ser somado a uma baixa auto-estima.

Essas meninas, assim como eu, eram crianças entre 6 e 7 anos de idade e logo, podemos observar que é ainda durante a primeira infância, que os preconceitos estruturados na sociedade, podem influenciar em suas capacidades de desenvolverem sua sociabilidade.

Lembrar essa experiência, me trouxe a inquietação de olhar pelos olhos das outras e partindo disso fui motivada, novamente, a falar sobre a multiplicidade e herança dos nossos cabelos em sala de aula ao longo do “projeto” “Intervenção Feminina”. Sugeri para as alunas que ficássemos em sala, após o horário da saída, para conversarmos sobre a temática do cabelo e para minha surpresa a sugestão foi aceito. Penso, que isso se deu, pela confiança que construo durante minhas aulas, nas quais eu

partilho com as minhas alunas e alunos muito das minhas experiências como aluna, filha e mulher, acertando, errando e me atrapalhando. Quanto a isso elucida Hooks, (2013, p.35) que “quando os professores levam narrativas de sua própria experiência para a discussão em sala de aula, elimina-se a possibilidade de atuarem como inquisidores oniscientes e silenciosos”.

Partindo dos nossos encontros, uma aluna sugeriu a elaboração de cartazes para “enfeitar” o banheiro, logo outra aluna sugeriu cartazes com frases para deixar mensagens para outras alunas da escola. Em todo o processo de elaboração dos cartazes eu não interferi. Frases e desenhos foram surgindo, rostos com cabelos lisos, crespos e cacheados. Frases como: “solte seu cabelo e prenda seu preconceito” e “você é linda de qualquer jeito, não importa como seja o seu cabelo”.

Ao longo dos encontros, escolhi um livro com a temática cabelo para contar em sala de aula para toda a turma. Dessa vez o livro escolhido foi “O Cabelo de Lelê”. Logo no início da leitura alguns alunos, meninos, riram e chegaram a falar que a personagem deveria ter vergonha de sair com o cabelo “pru alto”. Naquele momento duas alunas iniciaram uma pequena discussão com o aluno, eu como observadora continuei a leitura para conseguir fazer uma reflexão com a turma. Findada a leitura, Carolina Maria pede para falar.

Carolina Maria: - Flávio, você já se olhou no espelho para falar do cabelo de alguém por acaso? Até parece que você é branquinho, do olho azul e cabelo liso.

Flávio: - Fica quieta garota, você não sabe de nada (aos risos).

Eu: - Carolina Maria, o que você acha desse comentário do Flávio? Se ele fosse branco, do olho azul e cabelo liso, ele teria direito de falar o que falou?

Carolina Maria: - Ele é preconceituoso tia e não se enxerga e mesmo se ele fosse branco...a desse jeito que falei, ele também não poderia falar porque é preconceito do mesmo jeito.

O pré-conceito com o cabelo crespo ainda é uma forma de muitas mulheres sofrerem por terem que se enquadrar ao padrão eurocêntrico, muitas vezes tidos com requisitos de boa aparência. Quando essa expressão é utilizada, além de carregar o pré-conceito, ela exclui automaticamente mulheres negras e afrodescendentes, como tão bem coloca Hooks (2005, p.4):

Apesar das diversas mudanças na política racial, as mulheres negras continuam obcecadas com seus cabelos, e o alisamento ainda é considerado um assunto sério. Por meio de diversas práticas insistem em se aproveitar da insegurança que nós mulheres negras a respeito de nosso valor na sociedade de supremacia branca.

O conflito que esse padrão traz deixa uma marca na vida de muitas mulheres negras, desde a infância. Nilma (2002) quanto a isso, ressalta que, “o cabelo crespo é visto como um sinal crítico que imprime a marca da negritude nos corpos, seria mais um elemento que compõe o processo indentitário, deste modo, podemos afirmar que a identidade negra é materializada, corporificada”, ou ainda, como destaca Kilomba (2019, p. 126 e 127):

Mais do que a cor da pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período de escravidão. Uma vez escravizada/os, a cor da pele de

africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores brancos, mas o cabelo não, que acabou se tornando um símbolo de “primitividade”, desordem, inferioridade e não-civilização. O cabelo africano foi então classificado como “cabelo ruim”. Ao mesmo tempo, negras e negros foram pressionadas/os a alisar o “cabelo ruim” como produtos químicos apropriados, desenvolvidos por indústrias europeias. Essas eram as formas de controle e apagamento dos chamados sinais “repulsivos” da negritude.

Resolvo mostrar novamente as ilustrações do livro e deixo a turma manusear. Tento não interferir com opiniões e expressões que influenciem as alunas/os. Partindo disso partilho com as alunas minha vontade de ter os cabelos com cachos e muito, muito volume. Quando eu já estava para encerrar, uma aluna pediu para falar.

Nina: - Tia eu vou falar uma coisa que talvez ninguém saiba, mas eu aprendi a amar meu cabelo porque eu nasci assim.

O tia, mas eu não pensava assim. Quando eu era menor, eu queria ter o cabelo igual ao da minha amiga que era liso. Minha mãe não deixava eu alisar. Teve um dia na escola que a professora falou que meu cabelo estava atrapalhando meus amigos, que eu tinha que prender.

Carolina Maria: - Tia você lembra que já aconteceu isso comigo? Eu não vou prender meu cabelo por causa de gente preconceituosa não. Eu não ligo e se me irritarem eu esfrego ele pra ficar mais alto.

Nina: - Tia, passou um tempo e minha mãe percebeu que eu não queria ir com o cabelo solto. Tia eu juro para você, eu pedia para a minha mãe puxar com muita força meu cabelo. Tia minha cabeça ficava doendo. Mãe não é boba né tia? Eu tive que contar o que a professora fazia comigo e falava do meu cabelo. Acredita que ela não me abraçava porque achava que tinha piolho só porque meu cabelo é crespo cacheado? Minha mãe foi na escola e eu mudei de sala, a outra professora era muito boa, amava meu cabelo e me deu muitos laços.

Eu: - Nina, o que você sentia quando a professora falava do seu cabelo?

Nina: - Tia, eu ficava triste. Chorava muito (a voz já estava embargada) escondida da minha mãe.

Eu: - Você ainda fica triste com isso, estou vendo. (Neste momento eu, que ocupo o lugar de fala como professora e observadora, me sensibilizo, levanto chorando, dou um forte abraço e digo o quanto ela é linda).

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho foi realizado através de uma pesquisa de campo através das narrativas. O método utilizado para a obtenção de dados foi a observação assistemática e sistemática, dentro e fora da unidade escolar, e conversas a respeito da temática aqui abordada. Algumas conversas para obtenção de dados para as narrativas foram provocativas e outras espontâneas, esta segunda trazida pelas próprias alunas.

Neste trabalho, trago também aqui a narrativa de algumas memórias da minha trajetória como estudante e professora. Segundo Benjamin (1985, p. 2005):

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão – no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador



para em seguida tirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.

O campo da pesquisa foi a escola onde leciono, um CIEP no município do Rio de Janeiro, localizado na comunidade da Rocinha. Os sujeitos da pesquisa foram as próprias alunas na qual lecionei no ano passado, numa turma de 4º ano, e que permaneceram comigo este ano numa turma de 5º ano.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando pergunto para as alunas: Vocês gostam do cabelo de vocês? Gostam dele natural ou de outra maneira? Vale lembrar que ao me referir ao cabelo natural é aquele sem nenhum processo de alisamento, química, relaxamento, etc.

Tabata: - Tia meu cabelo é desse jeito aqui (puxa uma mecha do cabelo para o alto), quando eu crescer quero fazer progressiva.

Carolina Maria: - Eu gosto do meu cabelo bem cheio e acho ele lindo. Não gosto de fazer nenhuma química, porque gasta dinheiro e estraga meu cabelo.

Nina: - Eu gosto do meu cabelo assim, mas eu queria ter o cabelo liso.

Sueli: - Eu gosto do meu cabelo e dos cachinhos, mas eu queria ter o cabelo liso.

Lélia: - Tia, eu gosto do meu cabelo cacheado, mas a minha mãe teima que tenho que alisar. Por isso que de vez em quando eu passo produto no cabelo.

Dandara: - Eu gosto dele cacheado, mas ele fica pro alto, aí eu uso relaxante. Acho que queria ter o cabelo liso, sei lá tia, não sei.

Nota-se com esta pergunta que durante essa conversa com as alunas, percebo na fala da Lélia que muitas meninas sofrem imposições por parte das mães para se enquadrarem neste padrão eurocêntrico. Essa mesma mãe talvez, esteja reproduzindo o que foi aprendido com sua mãe ou por escolha. Quando as alunas Tabata, Nina, Sueli e Dandara afirmam que gostam dos seus cabelos, mas preferem o liso eu lembro imediatamente de Hooks (2005, p.7), que em relação à isso, assinala que:

Dentro do patriarcado – o contexto social e político em que surge o costume entre os negros de alisarmos os nossos cabelos -, essa postura representa uma imitação da aparência do grupo branco dominante e com frequência, indica um racismo interiorizado, um ódio a si mesmo que pode ser somado a uma baixa autoestima.

#### 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de uma maior reflexão acerca das temáticas gênero, feminismo e empoderamento, a intenção deste trabalho foi abordar como a relação do cabelo crespo pode ser motivo para preconceitos dentro da sala de aula e possivelmente fora dela também.

Não assumo aqui o papel de salvadora da pátria e trazer soluções para o trabalho. Ao contrário, na tentativa de concluir, me incita o desassossego e a busca de práticas mais efetivas. Dessa forma me pergunto: como agir na minha prática cotidiana, afim de evitar preconceitos em sala de aula? De que maneira posso agir para talvez empoderar minhas alunas a respeito de seus cabelos?

Como professora acredito na necessidade de se discutir as relações de gênero no padrão binário e a preponderância do padrão eurocêntrica de beleza que tem se visibilizado nos cotidianos escolares. Caberia a escola viabilizar uma desconstrução, através da problematização a respeito de gênero, feminismo e empoderamento. Essa desconstrução poderia reconstruir uma concepção que reconheça, valorize e empodere sujeitos que são negados, calados e silenciados culturalmente.

O “chão da escola” poderá favorecer práticas no cotidiano mais produtivas, visando a diminuição de formas de preconceito no contexto escolar. Acredito ainda que em uma cultura de dominação masculina e branca, trazer para discussão o empoderamento feminino marca uma resistência, um respeito por si mesma e respeito por sua ancestralidade por parte de meninas, jovens e mulheres.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda. **Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos.** *Revista Teias*, [S.l.], v. 4, n. 7, p. 8 pgs., out. 2007. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23967>>. Acesso em: 01 set. 2019.

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador** in: *Magia e Técnica Arte e política.* (Obras escolhidas v.1). Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 1. ed. Brasiliense, 1985, 197-221.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: Edusp, 1997.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas.** *Currículo sem Fronteiras*, v11, n2, 2011, 240-255.

DE FREITAS, Cláudia Jorge. **“Tia não aguento mais sofrer tanta humilhação”:** *Narrativas tensionadoras de Gênero nos anos iniciais.* Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica – UERJ. Rio de Janeiro, 2019.

FERREIRA, Marcelo Santana. **Walter Benjamin e a questão das narratividades** IN: *Mnemosine* Vol.7, nº2, p. 121-133 (2011) – Artigos Departamento de Psicologia Social e Institucional/ UERJ Disponível em: <[http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/viewFile/233/pdf\\_218](http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/viewFile/233/pdf_218)>. Acesso em: 28 agos. 2019.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** In: *Sem perder a raiz*, 2002.

HARAWAY, Donna. **Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial.** *Cardenos Pagu*, 1995, 07-41.

HOOKS, Bell. **Alisando o nosso cabelo.** In: *Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artistas de Cuba*, 2005.

\_\_\_\_\_, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo. Ed. WMF Martins Fontes. 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo no cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEITE, Márcia. **Feminina de Menina e Masculino de Menino**. São Paulo. Ed Leya. 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. 16ª ed. Editora Vozes. Petrópolis: 2014.

RABELO, Amanda Oliveira; MARTINS, António Maria. **A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério**. In: VI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação. 2006. p. 6167-6176. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/11509452-A-mulher-no-magisterio-brasileiro-um-historico-sobre-a-feminizacao-do-magisterio-resumo.html>>. Acesso em: 25 agos. 2019.

SILVA DE ABREU, Luciana Izis. **Nem um pouco professorinhas! As diversas feminilidades no magistério**. In: GÊNEROS, SEXUALIDADES E EDUCAÇÃO NA ORDEM DO DIA. (Org.): Denize Sepulveda - Ivan Amaro. Curitiba: CRV, p. 131-14